

***Fractured lands: apontamentos sobre  
uma estratégia empática no jornalismo***

***Fractured lands: notes on  
an empathetic strategy in journalism***

Camila FREITAS<sup>1</sup>

**Resumo**

O trabalho discute de forma teórica sobre a possibilidade de a reportagem *Fractured Lands: How The Arab World Came Apart* – publicada pela *The New York Times Magazine* – instigar, a partir de uma estratégia jornalística movida pela empatia, a aproximação do leitor/usuário aos personagens da narrativa. A reportagem trata da situação de conflito e diáspora no Oriente Médio e África. Falaremos de jornalismo pela teoria construcionista, de empatia pela fenomenologia e analisaremos a reportagem em texto, fotografia e vídeo de realidade virtual.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Empatia. *The New York Times Magazine*.

**Abstract**

This paper discusses the possibility of *Fractured Lands: How the Arab World Came Apart* – published by *The New York Times Magazine* – instigate, from a journalistic strategy incited by empathy, the approximation between reader/user and the narrative's characters. The journalistic report addresses the situation of diaspora and conflict in the Middle East and Africa. This paper relies on constructivist theory and phenomenological perspective, and analyze the present report in text, photography and virtual reality.

**Keywords:** Journalism. Empathy. *The New York Times Magazine*.

**Introdução**

Engajado em observar e narrar o cotidiano, o jornalismo se interessa pelos acontecimentos notáveis (CORNU, 1999). A atividade dá atenção aos fatos e aos fenômenos que se manifestam no dia a dia e que os jornalistas e as instituições, ao percebê-los, consideram importantes e atribuem relevância social, tendo em conta o impacto que eles podem causar sobre o público, o contexto em que eles se revelam, assim como os atores sociais que os envolvem (TRAQUINA, 2012). A notabilidade dos acontecimentos pres-

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
E-mail: camila.freitas@ufrgs.br.

supõe ainda a mobilização de valores jornalísticos que os tornem noticiáveis e a capacidade de repercutirem midiaticamente, deixando impressões na vida das pessoas e tendo consequências temporais, históricas, culturais e políticas.

Podemos mencionar um fenômeno que se manifestou no final de 2010, ocasionando uma sucessão de protestos populares e ações movidas por insatisfação social, política e econômica da população do Oriente Médio e do norte da África – ainda que a luta tenha motivos particulares, compartilharam frustrações como a falta de democracia e de liberdade. Ao ser considerada pelas instituições jornalísticas como um acontecimento relevante, essa rede de fatos sociais ganhou visibilidade midiática e ficou conhecida como Primavera Árabe<sup>2</sup>, intensificando a necessidade de se estar atento à “realidade” das mencionadas regiões.

Passados oito anos da eclosão e embora tenham ocorrido alguns avanços quanto aos direitos humanos e à redução de corrupção, o cenário demarcado por crise econômica, conflitos políticos e religiosos, bombardeios, fortalecimento de grupos jihadistas e diásporas se perpetua – esse aspecto levou a *The New York Times Magazine*<sup>3</sup> (TNYTM) a dedicar uma edição inteira sobre a complexidade, problemas geopolíticos e impactos desse acontecimento na vida de diferentes pessoas. A perspectiva que orienta o que se sabe sobre a Primavera dá-se, na maioria das vezes, do Ocidente sobre o Oriente. O jornalismo atua mediando o entendimento que se deseja ter sobre ela e a enquadrando a partir de noções subjetivas pré-construídas, geralmente baseadas no eurocentrismo e no etnocentrismo, legitimando a dualidade do binômio “nós e eles”, marcada por diferença territorial, identitária e cultural. Isso nos motiva a pensar sobre a noção de mundo ofere-

---

<sup>2</sup>Teve início em dezembro de 2010 com protestos populares na Tunísia. Relaciona-se ao seu estopim a morte de Mohamed Bouazizi – que ateou fogo em si mesmo como ação crítica às limitadas condições de vida no país em que residia. O auge foi em 2011 com manifestações e protestos contra corrupção, crise econômica, regimes ditatoriais e falta de democracia e de liberdade. Em forma de greve, passeatas e com campanhas em sites de redes sociais, as ações públicas se alastraram pela Síria, Iêmen, Egito, Jordânia e Argélia, resultando no fim de alguns regimes ditatoriais, como o de Muammar Gaddafi. No contexto desses atos populares, foram depostos os líderes da Tunísia, do Egito e do Iêmen. As manifestações tomaram conta de cerca de quinze países do Oriente Médio e norte africano, entre eles Palestina, Omã, Marrocos, Iraque, Sudão, Arábia Saudita e Somália. Obviamente, a Primavera Árabe não teve um fim em si mesmo e nem foi o primeiro dos acontecimentos que desestruturou, por exemplo, o Oriente Médio – podemos citar como um dos anteriores a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003. Atualmente, há o crescimento de organizações jihadistas, como o Estado Islâmico (conhecido também por Daesh, ISIS ou EIIS). Isso tudo se reflete no processo gradual de fragmentação do mundo árabe e da porção norte da África. Em algumas ocasiões, para se referir ao cenário conturbado e de conflitos densos, a palavra Primavera é substituída pelo termo Inverno.

<sup>3</sup>Suplemento dominical do jornal norte-americano *The New York Times*, que publica artigos críticos, informativos e, também, opinativos, os quais tratam de assuntos atuais e relevantes no mundo, normalmente relativos a situações sociais, econômicas e políticas.

cida pelos produtos jornalísticos, tendo em conta sujeitos geograficamente distantes de nós e diferentes em suas particularidades.

Portanto, a proposta do artigo é discutir de forma teórica sobre a reportagem *Fractured Lands: How The Arab World Came Apart* – publicada pela *TNYTM*, em agosto de 2016, que tem como eixo condutor a situação do Oriente Médio e da África após o advento da Primavera Árabe e de episódios marcados por insurgências, guerras e dispersões populacionais. Vamos falar de jornalismo pela teoria construcionista, de empatia pela fenomenologia e analisar a reportagem em três formatos – texto, fotografia e vídeo de realidade virtual para discutir se há em *Fractured Lands* uma estratégia jornalística movida pela empatia, a fim de aproximar o leitor/usuário dos personagens da narrativa e das “realidades” árabe e africana. Utilizaremos os estudos de Genro Filho (1987), Jardine; Szanto (2017), Maibom (2017), Merleau-Ponty (2011), Traquina (2012; 2002) e Zahavi (2017; 2011).

### **Jornalismo: (re)construção e (re)conhecimento**

Anterior a qualquer intervenção jornalística, há no mundo fenômenos e uma multiplicidade de fatos (GENRO FILHO, 1987). Os fenômenos são independentes dos sujeitos que os percebem e os fatos não estão soltos no espaço e no tempo – são parte de realidades, até certo ponto, de ordem objetiva. Porém, toda realidade possui aspectos subjetivos e é nessa dimensão que os fatos, pela ação e percepção dos sujeitos, adquirem significados no mundo e podem ser compreendidos como acontecimentos. O fato objetivo passa a ser um fato social, resultado da agência e da experiência das pessoas em dado contexto. Na dinâmica do jornalismo, o fato jornalístico se origina da identificação e da mediação de um fato social pelo jornalista.

A atividade jornalística “não se relaciona apenas com a objetividade do que aconteceu, mas com a subjetividade que constitui o que aconteceu” (PONTES, 2015, p. 298). Ao fornecer realidades (re)construídas por meio de seus produtos midiáticos, ao interpretar, mimetizar e organizar o mundo e os sujeitos em narrativas diversas, essas mesmas narrativas se distanciam da noção espelhada do real (TRAQUINA, 2012) e se constituem como lugar de produção de sentido e de conhecimento, assim como uma maneira de acessar os fenômenos percebidos, hierarquizados e veiculados pelo jornalista.

Para fornecer um tipo de conhecimento social, o jornalismo se atém às categorias do singular, do particular e do universal<sup>4</sup>. A atividade se direciona ao singular no que tange aos aspectos únicos de um fenômeno percebido. Ao passo que a “informação” vai sendo estruturada, o fato revela particularidades e é possível inscrevê-lo em um determinado contexto, no qual há características que lhe são inerentes, mas que também são próprias de outras coisas ou pessoas. Já o caráter universal está no entorno das duas dimensões, envolvendo-as e tendendo, em alguns casos, ao reducionismo ou à legitimação de valores predominantes. Por meio desse “imbricamento dos aspectos singulares, universais e particulares presentes em toda e qualquer situação fenomênica” (GADINI, 2007, p. 80), o jornalismo recria o mundo vivido por fragmentos de realidades percebidas, relacionando “uma multiplicidade de vozes, sentidos e códigos diferenciados” (GADINI, 2007, p. 80), que integram o imaginário e práticas sociais.

Então, a potencialidade do conhecimento jornalístico<sup>5</sup> se encontra nos modos de apreensão do saber que ele oferece, resultando em distintas formas de interpretar e de (re)construir versões credíveis sobre a vida cotidiana, que têm visibilidade nas narrativas e nos discursos postos em circulação. É aí que o “fazer” e o “saber” se relacionam com o “dever ser” do jornalismo, que se apresenta pela noção de *ethos* da atividade.

Diante disso, o jornalismo é guiado por um ideal de verdade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001) e atravessado por um compromisso ético (CORNU, 1999; KARAM, 1997), ao primar pela divulgação de informação justa e responsável. Como afirma Bilbeny (1953), o compromisso com a verdade faz do jornalista um sujeito com capacidade de se dizer autor dos seus atos, ao identificar, organizar e narrar os acontecimentos cotidianos.

Se pela interpretação que se faz do mundo é que se significam as múltiplas realidades sociais e agenciam-se modos de vida, acreditamos que o jornalismo (pela mediação do jornalista), centrado em observar os fenômenos do mundo, seleciona aqueles que considera notáveis e termina por (re)construir fragmentos interpretativos e por promover (re)conhecimento sobre o mundo representado em textos, áudios, imagens e vídeos. Mesmo com limitações, essa atividade nos permite acessar a vida de determinadas pes-

---

<sup>4</sup>Representam dimensões do mundo e estão articuladas na produção jornalística de modo relacional, em que cada uma é parte integrante da outra (GENRO FILHO, 1987).

<sup>5</sup>Trata-se de (re)conhecimento, uma vez que a “realidade” percebida, conhecida e construída socialmente é reconstruída pelos produtos midiáticos e jornalísticos que circulam na sociedade e nos possibilitam reconhecer o meio em que vivemos.

soas e nos deparar com angústias, alegrias, dores e expectativas. Os sujeitos que ganham visibilidade podem ou não nos instigar ação afetiva.

### **Empatia: intersubjetividade e experiência**

Difícilmente se consegue chegar a um consenso “sobre o que é precisamente a empatia ou como ela pode se relacionar ou diferir do mimetismo motor, do contágio emocional, da projeção imaginativa, da tomada de perspectiva e da simpatia” (ZAHAVI, 2017, p. 33, tradução nossa<sup>6</sup>). De modo geral, há dois caminhos à noção de empatia: o cognitivo<sup>7</sup>, referente à habilidade cognitiva de identificar e conhecer os sentimentos e comportamentos do outro, e o afetivo, relativo à possibilidade de sentir aquilo que o outro sente (MAIBOM, 2017) – ambos capazes de incitar a percepção de uma pessoa por outra. Isso nos permite supor que:

quando o “outro” se manifesta em condições diferentes ou semelhantes àquelas nas quais estamos e as quais conhecemos, em um primeiro momento, alcançamos o entendimento de sua situação pela nossa imaginação, repleta de juízos de valores e de crenças, assim como pela capacidade de identificação e pela tentativa de se colocar no lugar do “outro”. Ao reconstruir a experiência do “outro” – projetando-o em nós mesmos e comparando tais experiências com as nossas –, temos a possibilidade de reconhecê-lo à nossa maneira (FREITAS; BENETTI, 2017, p.17).

Arriscamos dizer que a empatia pressupõe ultrapassar a nossa individualidade, instigando um movimento relacional sustentado pela coexistência e pelo qual podemos desenvolver percepção sensível, experiências e conhecimentos sobre o mundo, as coisas, os outros e sobre nós mesmos. Portanto, discutir a empatia pela tradição fenomenológica presume a articulação não apenas dos sentidos, ações e sensações explícitas, mas dos modos de ser que conformam a existência das pessoas enquanto sujeitos pensantes e corporificados no mundo (JARDINE; SZANTO, 2017). Nota-se que não há como dissociar mente e corpo, pois eles estão imbricados e constituem uma unidade física expressiva e ativa, situada no espaço-temporal.

---

<sup>6</sup>No original: “about what precisely empathy is or how might relate to or differ from motor mimicry, emotional contagion, imaginative projection, perspective taking, and sympathy”. Cabe lembrar que Wispé (1986; 1991) e Nussbaum (2001) propõem diferenciações entre empatia, simpatia e compaixão.

<sup>7</sup>Segundo Burns (2017), a empatia cognitiva é dividida em duas áreas de estudo: teoria-teoria (*theory-theory*) e teoria da simulação (*simulation theory*).

Para Merleau-Ponty (2011) o corpo unifica o agir e o existir. Como espaço íntimo, particular e complexo nossos corpos estabelecem relações com outros corpos, compartilhando e negociando experiências afetivas e ressignificando as maneiras de viver – as experiências jamais vão ter o mesmo sentido para quem as vivenciou e para quem as projetou, mimetizou, imaginou ou simulou. Essa distinção, segundo Merleau-Ponty (2011), caracteriza o entrelaçamento das situações vividas e das apresentadas, mas, ao mesmo tempo, preserva a particularidade de cada pessoa envolvida.

Se por um lado dizemos que os sujeitos se conhecem no encontro intersubjetivo – estabelecendo vínculo ou distanciamento –, por outro, há uma limitação nessa situação, evidenciando que o conhecimento intersubjetivo é parcial e sempre interpretativo. Isso se justifica, entre outros aspectos, pelo fato de não sermos capazes de apreender os pensamentos, as emoções e os sentimentos intrínsecos àqueles com os quais convivemos, pois “só podemos inferir que eles devem existir com base no que é realmente apresentado a nós” (ZAHAVI, 2011, p. 3, tradução nossa<sup>8</sup>), ou seja, comportamentos corporais ou ações comunicativas que percebemos ou nos são ditas e exprimem, por exemplo, tristeza, alegria, raiva, medo e ansiedade.

Fica claro que quando se fala de empatia tem-se em conta a relação entre pessoas, manifestação de sentimentos, emoções e expressões corporais evidentes. Esse processo afetivo explica a condição física, emocional ou situacional de uma pessoa/ou coletivo à(s) outra(s) e considera “o papel desempenhado pelos amplos contextos sociais” (JARDINE; SZANTO, 2017, p. 93, tradução nossa<sup>9</sup>). Nessa lógica, não só as concepções positivas associadas à empatia se destacam, mas as que se opõem a elas, salientando a empatia tática, usada para fins enganosos e violentos (BUBANDT; WILLERSLEV, 2015).

Cabe salientar que algumas emoções nos são despertadas também por imagens, textos e variados conteúdos audiovisuais. Segundo Kaplan (2011), é relevante refletir sobre a origem de emoções no âmbito do jornalismo, pois elas estão associadas a alguns corpos que ganham visibilidade midiática, estimulando identificação (ou não) com pessoas ou coletivos específicos.

---

<sup>8</sup>No original: “we can only infer that they must exist based on what is actually presented to us”.

<sup>9</sup>No original: “the role played by the broader social contexts”.

### ***Fractured Lands: empatia no jornalismo***

O suplemento *The New York Times Magazine* dedicou a edição publicada em 14 de agosto de 2016 ao quinto aniversário da Primavera Árabe. A revista imprimiu *Fractured Lands: How The Arab World Came Apart*<sup>10</sup>, resultado de 18 meses de reportagem pelo sudoeste da Ásia e norte da África. O texto escrito pelo jornalista Scott Anderson narra a sucessão de acontecimentos que vêm esfacelando o mundo árabe e a porção africana. Somado a ele, o trabalho fotográfico de Paolo Pellegrin – 10 portfólios relativos aos 14 anos de imersão nas regiões – revela conflitos identitários, religiosos, étnicos e migratórios. Já o vídeo de realidade virtual<sup>11</sup> (VR) em 360°, de Ben Solomon, além de ser o primeiro VR jornalístico filmado em uma zona de guerra ativa, oferece a experiência da retomada da cidade Falluja pelo Iraque. Os três formatos estruturam a reportagem e nos interessam – pela maneira como se entrelaçam nessa tessitura representativa e polifônica – para discutirmos sobre empatia no jornalismo.

O texto foi organizado em sete partes, constituindo a linha temporal – *Preface*, *Origins* (1972-2003), *The Iraq War* (2003-2011), *Arab Spring* (2011-2014), *ISIS Rising* (2014-2015), *Exodus* (2015-2016) e *Epilogue* – que marca a história de seis “personagens” que conduzem a narrativa: Azar Mirkhan, 41 anos, médico curdo-iraquiano em luta contra o ISIS; Khulood al-Zaidi, 36, ativista iraquiana ameaçada por milícias; Laila Soueif, 60, egípcia e mãe de dissidentes; Majd Ibrahim, 24, estudante sírio que fora preso, Majdi el-Mangoush, 30, cadete líbio da força aérea, e Wakaz Hassan, 22, iraquiano que entrou para o ISIS. Perfilados, cada um representa uma travessia diante da encruzilhada que lhe é particular. Os seis, transformados pelos conflitos que os universalizam em uma identidade e marcados pela singularidade de diferentes acontecimentos, guiam o leitor na narrativa.

---

<sup>10</sup>Tradução livre: “Terras Fraturadas: Como o Mundo Árabe se Desfez”. Tanto na versão impressa quanto na digital, a reportagem não foi traduzida para a língua portuguesa e todas as referências aqui feitas aos trechos da matéria foram coletadas do original em inglês, em formato digital e sem paginação. Disponível em <[http://www.nytimes.com/interactive/2016/08/11/magazine/isis-middle-east-arab-spring-fractured-lands.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2016/08/11/magazine/isis-middle-east-arab-spring-fractured-lands.html?_r=0)>. Acesso em: 06 nov. 2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2016/08/14/magazine/fight-for-falluja-vr.html>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Há no texto intencionalidade discursiva: comunicar a fraturada realidade árabe, criando uma noção de mundo que se pretende verdadeira<sup>12</sup>. Assim, o universo da reportagem serve de referência segunda para a interpretação de uma realidade primeira. O mundo do texto e o mundo percebido pelos repórteres se imbricam em *Fractured Lands* e estimulam a interpretação do leitor. Mesmo que esse universo narrativo se reformule a cada interpretação, é um lugar para os leitores compreenderem a si e aos outros. A escolha dos personagens, quais particularidades contar e que emoções evidenciar são aspectos relevantes para instigar empatia.

Tentei contar uma história humana, que tem sua parcela de heróis e até alguns vislumbres de esperança. Mas o que se segue, em última análise, é um aviso sombrio. Hoje a tragédia e violência do Oriente Médio transbordaram por suas margens, com quase um milhão de sírios e iraquianos inundando a Europa para fugir das guerras em seus países, e com os ataques terroristas em Dhaka, Paris e arredores (ANDERSON, 2016, tradução nossa<sup>13</sup>).

Terreno sensível, a narrativa jornalística conduz o leitor a partir do reconhecimento das atitudes emocionais que é feito pelos narradores estrangeiros. Esse processo está presente no trecho abaixo, pelo qual entendemos que Khulood – ativista iraquiana – sente-se frustrada com a vida na Jordânia:

Eu penso que a vida deles será desperdiçada como a minha. Eu tento não pensar assim, mas convenhamos: este é o futuro deles. Para mim, esses últimos nove anos foram desperdiçados. Minha irmã e eu temos sonhos. Nós fomos educadas, queremos estudar, ter uma carreira. Mas na Jordânia não podemos trabalhar legalmente e não podemos partir. Então, ficamos estagnadas. Isso é tudo! Agora, estamos envelhecendo, chegando perto dos 30, mas ainda não podemos casar ou ter famílias e por isso nunca sairemos daqui. (ANDERSON, 2016, tradução nossa<sup>14</sup>).

---

<sup>12</sup>Noção construída a partir das compreensões e percepções de repórteres americanos, fato que fica bem demarcado pelo modo com que as partes da história foram divididas e salientes pelo que interessa (e se sabe) do mundo árabe à visão norte-americana.

<sup>13</sup>No original: “I have tried to tell a human story, one that has its share of heroes, even some glimmers of hope. But what follows, ultimately, is a dark warning. Today the tragedy and violence of the Middle East have spilled from its banks, with nearly a million Syrians and Iraqis flooding into Europe to escape the wars in their homelands, and terrorist attacks in Dhaka, Paris and beyond”. Documento sem paginação.

<sup>14</sup>No original: “I think their lives will be wasted just like mine. I try not to think that way, but, really, let’s be candid: This is their future. For me, these past nine years have been wasted. My sisters and I, we have dreams. We are educated, we want to study, to have careers. But in Jordan we cannot legally work, and we cannot leave, so we are just standing in place. That’s all. Now we’re becoming old, we’re all in our



O trecho retoma a proposta de Merleau-Ponty (2011) da situação apresentada a mim e vivida por outro. Compreendemos a condição de Khulood pela narrativa e damos significado ao texto pela nossa imaginação, que cria e resgata imagens de estados emotivos para amparar conceitos. A dor de Khulood está no segundo grau de apresentação ao leitor, já que o texto é a própria apresentação do repórter sobre a emoção vivida por outra pessoa. A experiência do texto fica com três graus de distância: o sujeito da reportagem, o repórter e o leitor – em cada um dos graus as emoções e ações são ressignificadas de acordo com o *self* que a percebe, antecipando que o jornalismo é essencialmente um lugar de alteridade.

*Fractured Lands* se esforça para que o leitor aja frente ao relato da brutal condição do Oriente Médio, incitando no leitor um ato de responsabilidade para com o sofrimento alheio. Mas, podemos nos questionar sobre ser empático com alguém como Wakaz – guerreiro do Estado Islâmico:

Wakaz relatou tudo – mesmo sem mostrar como as mortes foram feitas – sem nenhuma emoção visível. Mas, então, como se percebendo sua atitude fria, deu de ombros: “Eu me sinto mal fazendo isso, mas não tive escolha”, disse. “Quando chegamos em Mosul, não tinha como sair e com o ISIS, se você não obedecer, eles te matam também”. (ANDERSON, 2016, tradução nossa<sup>15</sup>).

A situação põe primeiro a empatia do repórter em suspenso e, provavelmente, a do leitor, enquanto sobressai a ideia do “terceiro”, que tem por intenção vigiar, fiscalizar ou assegurar que a vida em sociedade seja coerente com as normas e morais que a conformam – talvez resida aí uma das *funções éticas* do jornalismo. O terceiro traz a noção de justiça sobre o mal, visando ao bem (LÉVINAS, 1999). No caso de Wakaz, a complexidade centra-se na dicotomia da morte justa/justificada/injusta – se é que se pode falar disso – e em todo o imaginário que o grupo jihadista ao qual Wakaz pertence evoca. A metáfora levinasiana de *rostos*<sup>16</sup> nos serve de explicação sobre os diferentes graus

---

30s, but still we can't marry or start families, because then we will never get out of here”. Documento sem paginação.

<sup>15</sup>No original: “Wakaz related all this – even physically acted out how a proper killing was done – with no visible emotion. But then, as if belatedly realizing the cold-bloodedness of his account, he gave a small shrug. “I felt bad doing it,” he said, “but I had no choice. Once we reached Mosul, there was no way to leave – and with ISIS, if you don't obey, they kill you too”. Documento sem paginação.

de encontros intersubjetivos que constituem a reportagem. Uma vez afetado pelo *rosto*, assume-se um compromisso ético para além do texto, considerando a identidade, a cultura dos sujeitos e os símbolos que o *rosto* emana. É nesse sentido que a narrativa de *Fractured Lands* nos interpela a agir de maneira empática.

Na fotojornalismo, a técnica que nos informa é capaz de nos fazer *sentir*. A fotografia comunica pela imagem que tem no registro fragmentos da realidade. A narrativa fotográfica de Pellegrin nos informa (*studium*) e nos atinge (*punctum*)<sup>17</sup>. Não conseguimos precisar o *punctum*, mas sabemos que ele nos toca pelo sentimento ou emoção. É assim que a mão de Wakaz (talvez a pedido do fotógrafo) comunica um gesto de violência: sem arma, com os dedos mimetizando a ação e as mãos algemadas – como espectadores, a foto (Figura 1) nos revela a situação e tem seu significado ampliado pela legenda<sup>18</sup>. Cria-se um efeito de verdade/objetividade com a imagem legendada.

**Figura 1** – Wakaz performando execução no Iraque.



Fonte: Paolo Pellegrin – *The New York Times Magazine*.

---

<sup>16</sup>Para Lévinas (2010), epifania da totalidade infinita do *outro*.

<sup>17</sup>Para Barthes, “o *studium* está, definidamente, sempre codificado, o *punctum* não” (1981, p. 51, tradução nossa; no original: “The *studium* is ultimately always coded, the *punctum* is not”). *Studium*: cenário, o enquadramento, o óbvio, as técnicas da foto e na foto; *punctum*: o que não conseguimos nomear ou precisar, mas nos toca, emociona ou choca. Está ali e para além da foto.

<sup>18</sup>“Wakaz Hassan demonstrando como seu treinador do ISIS o ensinou a performar uma execução”. No original: “Wakaz Hassan demonstrating how his ISIS trainer taught him how to perform an execution”.

A foto orienta o encontro de olhares – do fotógrafo, daquilo o que é observado e daquele que observa a foto (BARTHES, 1981) – tendo dois efeitos na atividade empática: afastamento e aproximação. Pellegrin nos diz pela legenda que na foto há o corpo de um guerreiro do ISIS (Figura 2), mas o que vemos são membros no chão. Se quisermos ver o corpo, o olhar deve buscar o *punctum* que transcende a foto. Isso também ocorre na foto do migrante no mar (Figura 3). É o morto que nos afeta e pelo que ele representa e significa é que se pode ter empatia, evitando o esquecimento da realidade que assola o contexto reportado, pois é pela percepção do “sensível que ela encontra sua verificação e plenitude” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 394). A emoção dialoga com a razão na fotografia jornalística e o que se sobressai é o que não se deseja esquecer. A narrativa de Pellegrin reconstrói a realidade árabe e africana e encontra referência nas outras imagens que circularam midiaticamente sobre o mesmo contexto e, talvez, a empatia ocorra porque sabemos que o fato registrado se repete incansavelmente com esses sujeitos.

**Figura 2** – Corpo de membro do ISIS em Falluja, Iraque.



Fonte: Paolo Pellegrin – *The New York Times Magazine*.

**Figura 3** – Corpo de imigrante em Lesbos, Grécia.



Fonte: Paolo Pellegrin – *The New York Times Magazine*.

A *TNYTM* lançou *The Fight for Falluja*, definido pela própria revista como vídeo jornalístico de realidade virtual com imersão em 360 graus. Dirigido por Solomon, o vídeo oferece uma experiência de 11 minutos em combate terrestre, enquanto forças iraquianas retomam do Estado Islâmico (EI) o controle da cidade Falluja, em junho de 2016. A experiência depende do acesso ao *NYT VR App*<sup>19</sup>, por *smartphone* – para download do vídeo – acoplado em óculos de realidade virtual [usamos o *VR Box - VR02* e fones de ouvido do *Samsung Galaxy S7*]. Ao “assistir” ao vídeo o espectador é levado para dentro do contexto, ali o corpo do espectador é outro e ele passa a ser “participante” do acontecimento.

Apesar da perspectiva de câmera em primeira pessoa, não há no vídeo uma representação visível do corpo do usuário em forma de avatar – portanto, incorpora-se um “corpo invisível” que se move e está presente naquela imagem. A percepção da narrativa (no vídeo) fica limitada aos movimentos que usuário (no mundo da vida) faz com a cabeça (para cima, baixo e lados) para explorar o que está vendo e ouvindo.

Claro que não se está em Falluja, mas o movimento do corpo fora do vídeo, que direciona o movimento dentro e desvela o cenário dá a impressão de se estar no Iraque.

---

<sup>19</sup>Aplicativo de VR do jornal. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/marketing/nytvr/>> . Acesso em: 06 nov. 2019.

[Quando o *sniper* atira, estamos ao lado dele e é possível ouvir o som do (e ver o) indicador puxando o gatilho]. Em outro momento estamos em uma casa que serve de prisão, lá há gaiolas onde o EI mantém prisioneiros. A narrativa nos coloca dentro da gaiola, a porta se fecha e no chão há um pote com comida e saco de areia [o espaço é estreito e mal iluminado]. Em parte, estamos na pele do aprisionado e passamos por sua tensão na pequena cela – isso retoma a explicação de Maibom (2017) sobre termos a capacidade de nos colocar no lugar do outro para entender sua situação.

Há um senso de verossimilhança e de pertença a partir da corporalidade simulada e mediada (BIOCCA; LEVY, 1995; BOGOST, 2016) pelo VR jornalístico. De acordo com Hardee e McMahan (2017), isso ocorre porque tanto o nosso senso de presença quanto o engajamento que podemos ter nesse tipo de narrativa acionam nossa capacidade perceptiva, sensorial e emotiva, orientando a compreensão da situação experienciada, sendo possível estimular nossa habilidade empática.

### Considerações finais

Discutimos nesse artigo a relação entre empatia e jornalismo ao analisar *Fractured Lands: How The Arab World Came Apart*. Por ser um produto jornalístico, pensamos que a reportagem (re)constrói uma realidade sobre o Oriente Médio e norte da África – baseada nos conflitos que seguem desestabilizando essas regiões. Essa “realidade” nos ajuda a (re)conhecer o contexto que a conforma e alguns sujeitos (GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992; TRAQUINA, 2012).

Os três formatos de *Fractured Lands* – texto, fotografia e vídeo de realidade virtual – formam uma unidade polifônica, engajada em dar visibilidade aos referidos acontecimentos, aos seus atores sociais e em aproximar – pelos diferentes modelos e recursos técnicos usados – sujeitos e situações que nos são distantes.

Assim, percebemos que no jornalismo a empatia configura uma estratégia sensível, que envolve simulação, imaginação, percepção, interpretação, incorporação e afeto (HARDEE; MCMAHAN, 2017; JARDINE; SZANTO, 2017; MAIBON, 2017; ZAHAVI, 2017; BIOCCA; LEVY, 1995; MERLEAU-PONTY, 2011) – e nos auxilia a identificar o fenômeno da alteridade, a ressignificar experiências, a aproximar vivências e a reaprender a ver e a sentir os diversos mundos que, em suas fraturas, se costuram pelas narrativas jornalísticas.

**Referências**

ANDERSON, Scott. **Fractured Lands: How The Arab World Came Apart**. Disponível em <[http://www.nytimes.com/interactive/2016/08/11/magazine/isis-middle-east-arab-spring-fractured-lands.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2016/08/11/magazine/isis-middle-east-arab-spring-fractured-lands.html?_r=0)>. Acesso em: 06 nov. 2019.

BARTHES, Roland. **Camera lucida: reflections on photography**. New York: Hill and Wang, 1981.

BILBENY, Norbert. **Ética del Periodismo: la defense del interés público por medio de una información libre, veraz e justa**. Barcelona: UB Publicacions i Edicions, 1953.

BIOCCA, Franck.; LEVY, Mark.R. Communication Applications of Virtual Reality. In: BIOCCA, Franck.; LEVY, Mark.R (Eds.). In: **Communication in The Age of Virtual Reality**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

BOGOST, Ian; FERRARI, Simon; SCHWEIZER, Bobby. **Newsgames: Journalism at Play**. Cambridge: MIT Press, 2012.

BUBANDT, Nils; WILLERSLEV, Rane. **The dark side of empathy: mimesis, deception and the magic of alterity**. *Comparative Study of Society and History*, Cambridge, V. 54, N. 1, 2015.

BURNS, Timothy A. Empathy, Simulation and Neuroscience: a phenomenological case against simulation-theory. In: **Phenomenology and Mind**, n. 12, 2017.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alteridade, Outridade e Jornalismo: da fenomenologia à narração do modo de existência. In: **Brazilian Journalism Research**, v.13, n. 2, p.10-29, 30 ago. 2017.

GADINI, Sérgio Luiz. Em Busca de uma Teoria Construcionista do Jornalismo Contemporâneo. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, V. 14. n.33, 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

HARDEE, G.M.; MCMAHAN, R.P. FIJI: A framework for the immersion-journalism intersection. In: **Frontiers in ICT**, v. 4, n. 21, 2017.

HOLLAN, Douglas. Empathy across cultures. In: MAIBOM, Heidi L.(Ed.). **The routledge handbook of philosophy of empathy**. London: Taylor & Francis Group, 2017.

KAPLAN, E. Ann. Empathy and Trauma Culture: Imaging Catastrophe. In: COPLAN, Amy; GOLDIE, Peter (Eds.). **Empathy: philosophical and psychological perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Jardine, James; Szanto, Thomas. Empathy in the Phenomenological Tradition. In: MAIBOM, Heidi L. (Ed.). **The routledge handbook of philosophy of empathy**. London: Taylor & Francis Group, 2017.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect**. New York: Three Rivers Press, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. **Alterity and transcendence**. London: The Athlone Press, 1999.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: Ensaios Sobre Alteridade**. Petropolis: Vozes, 2010.

MAIBOM, Heidi L. Affective Empathy. In: MAIBOM, Heidi L. (Ed.). **The routledge handbook of philosophy of empathy**. London: Taylor & Francis Group, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

NUSSBAUM, Martha. **Upheavals of Thought: the intelligence of emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PONTES, Felipe Simão. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. v.1. Florianópolis: Insular, 2012.

TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

WISPÉ, Lauren. The Distinction Between Sympathy and Empathy: to call forth a concept, a word is needed. **Journal of Personality and Social Psychology**, V. 50, N. 2, 1986.

WISPÉ, Lauren. **The psychology of sympathy**. New York: Plenum Press, 1991.

ZAHAVI, DAN. Intersubjectivity. In: LUFT, Sebastian; OVERGAARD, Søren. (eds.): **The Routledge Companion to Phenomenology**. London: Routledge, 2011.

ZAHAVI, Dan. Phenomenology, Empathy and Mindreading. In: MAIBOM, Heidi L.(Ed.). **The routledge handbook of philosophy of empathy**. London: Taylor & Francis Group, 2017.